

OS VÍDEOS DE HISTÓRIA NO *YOUTUBE* COMO MOBILIZADORES DAS EVIDÊNCIAS AUDIOVISUAIS NA APRENDIZAGEM HISTÓRICA DOS JOVENS ESTUDANTES PORTUGUESES

MARCELO FRONZA*

Resumo: *Essa investigação tem como finalidade compreender as formas como os jovens estudantes fazem escolhas que mobilizam a geração de sentido histórico¹ por meio da inferência de evidências audiovisuais quando confrontados com vídeos de História do YouTube. Por meio de um instrumento de pesquisa, construído a partir dos princípios da investigação qualitativa², pesquiso as ideias históricas de jovens estudantes portugueses do ensino secundário de duas escolas da rede pública do norte de Portugal. Busco compreender como esses sujeitos inferem evidências audiovisuais quando apresentados aos conflitos presentes no processo da conquista e colonização europeia sobre os povos da América, por meio do confronto de três vídeos do YouTube sobre este tema histórico.*

Palavras-chave: *Educação Histórica; Evidências audiovisuais; Vídeos do YouTube; Interculturalidade.*

Abstract: *This research aim to understand the ways in which young students make choices that mobilize the generation of making sense of history³ through the inference of audiovisual evidence when confronted with YouTube History videos. Through a research tool, built on the principles of qualitative research⁴, I research the historical ideas of young Portuguese high school students from two public schools in the north of Portugal. I try to understand how these subjects infer audiovisual evidence when presented to the conflicts present in the process of European conquest and colonization of the peoples of America, through the confrontation of three YouTube videos about this historical theme.*

Keywords: *History education; Audiovisual evidence; YouTube videos; Interculturality.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho está relacionado com o projeto de pesquisa *A aprendizagem histórica dos jovens estudantes brasileiros e portugueses a partir das narrativas históricas visuais* vin-

* Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. Email: fronzam08@gmail.com. Doutor em Educação e Mestre em História, Licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenador do Grupo Pesquisador Educação Histórica: Consciência histórica e narrativas visuais (GPEDUH/UFMT, Brasil). Investigador do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH/UFPR, Brasil). Agradeço ao CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Universidade do Porto, Portugal, onde desenvolvi meu estágio de pós-doutoramento sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Isabel Barca, por possibilitar as condições de tempo e estrutura para a realização desse texto.

¹ RÜSEN, 2015a.

² LESSARD-HÉBERT, GOYETTE, BOUTIN, 2005.

³ RÜSEN, 2015a.

⁴ LESSARD-HÉBERT, GOYETTE, BOUTIN, 2005.

culado ao meu estágio pós-doutoral realizado no CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória na Universidade do Porto em Portugal.

Tenho como finalidade compreender as formas como os jovens estudantes fazem escolhas que mobilizam a geração de sentido histórico⁵ por meio da inferência a partir de evidências audiovisuais quando confrontados com vídeos de História do *YouTube*. Com isso, busco investigar processos históricos ligados à relação entre interculturalidade e o Novo Humanismo⁶ e o princípio da *burdening history* investigada por Bodo von Borries⁷, que propõe que o fardo da História possa ser superado pela interpretação multiperceptivada que institui a controvérsia proporcionada pela autocrítica na Teoria da História.

A interculturalidade parte do princípio do reconhecimento igualitário e humanista da diferença cultural⁸. Nesse sentido, a formação intercultural dos jovens estudantes e a produção de conhecimentos históricos na escola ou fora dela devem se basear nos critérios de cognição histórica, orientados por princípios e propósitos baseados na ciência da História⁹.

Para construir as categorias de evidência audiovisual a partir dos vídeos de História do *YouTube* inventariei conceitos advindos da epistemologia da História tais como: evidência histórica, adução ou inferência histórica, *Big Picture* na Educação Histórica relativa às ideias de grande perspectiva e perspectiva da totalidade e narrativas históricas visuais.

1. A EVIDÊNCIA AUDIOVISUAL

No que diz respeito à evidência histórica, considero como fundamental compreender que a mesma não é fonte histórica, mas sim a plausibilidade ou adequação do conjunto de vestígios em relação a uma afirmação histórica¹⁰. A evidência histórica se situa entre o que o passado deixou para trás (as fontes dos historiadores) e o que reivindicamos do passado (narrativas ou interpretações históricas)¹¹. Por meio dessa conceitualização, podemos entender a ideia de evidência histórica «visual», pois a iconografia pictórica histórica pode ser compreendida como artefato da cultura histórica, pois a evidência desenvolvida pelas dimensões estética, política, cognitiva e ética da cultura histórica mobiliza a geração de sentido de orientação temporal nos estudantes¹².

⁵ RÜSEN, 2015a.

⁶ RÜSEN, 2014, 2015b.

⁷ BORRIES, 2018.

⁸ RÜSEN, 2014.

⁹ SCHMIDT, 2009.

¹⁰ ASHBY, 2006.

¹¹ ASHBY, 2003; SIMÃO, 2015.

¹² VIEIRA, 2015; RÜSEN, 2015b.

No quadro teórico da estruturação da evidência histórica, a adução pode ser entendida enquanto inferência histórica. Com isso, a inferência é uma forma lógica que consiste na conexão entre as premissas e a conclusão de um argumento¹³. Existem três tipos de inferência: a dedutiva, a indutiva e a adutiva ou hipotética¹⁴. As inferências adutivas dizem respeito à construção de hipóteses por meio da reconstrução narrativa a partir da evidência histórica¹⁵.

No campo de investigação da Educação Histórica, o debate relativo às imagens mentais que os jovens têm da História é abordado a partir da categoria de *Big Picture* que propõe a hipótese da superação da ideia de grande perspectiva em direção à ideia de perspectiva da totalidade. A afirmação que fundamenta a tese dessa concepção é que a Educação Histórica deve encarar o problema de ajudar os estudantes sobre os meios para se orientar historicamente¹⁶. Para isso, torna-se necessário abandonar o falso problema entre «habilidades» metodológicas X «conhecimentos factuais».

O que se propõe fazer seria distinguir as «estruturas» (periodizações, cronologias, níveis de progressão meta-históricas) das *big pictures* (grandes perspectivas). Com isso, ajudando os estudantes a construir *big pictures* por meio de estruturas «metamórficas», ou seja, categorias meta-históricas em constante transformação. Para isso, é importante aduzir evidências por meio dos conceitos meta-históricos de mudança, explicação, significância e narrativas históricas. Nesse sentido, o objeto da *Big Picture* é a história da humanidade¹⁷.

Contudo, inventariando as investigações empíricas sobre a Educação Histórica, também encontramos uma antítese, jovens têm grande dificuldade em construir imagens do passado para além de *little pictures* (retratos específicos ou julgamentos enviesados no passado) criando, assim, entraves para a orientação histórica com sentido. Estudantes, nas escolas ocidentais, são treinados a avaliarem e «desenharem» inferências válidas a partir de documentos construindo *little pictures*, mas estão mal equipados para compreender as *big pictures* ou quadros históricos da humanidade¹⁸.

Se sabe pouco da relação entre evidência e narrativa. Isto porque a maior parte das construções dos estudantes a partir das evidências leva a imagens específicas no passado ou, no máximo, a mapas conceituais comuns (mesmo que sejam progressões de conceitos meta-históricos) ou a estórias. As estórias são, para Denis Shemilt¹⁹, menos que narrativas do passado. São como filmes ou imagens em movimento do ou no passado. As *big pictures* são narrativas sobre a história da humanidade como um

¹³ SIMÃO, 2007.

¹⁴ SIMÃO, 2007.

¹⁵ BOOTH, 1980.

¹⁶ LEE, HOWSON, 2009.

¹⁷ LEE, HOWSON, 2009.

¹⁸ SHEMILT, 2009.

¹⁹ SHEMILT, 2009.

todo que geram sentido de orientação histórica nos estudantes²⁰. Por isso, sugere-se partir das *little pictures* (imagens específicas no passado) para as *big pictures* como narrativas perspectivadas do passado.

Nesse sentido, a Educação Histórica também propõe como hipótese uma síntese transformativa ao compreender que a antropologia histórica é a história da humanidade. A qualificação do pensamento, da investigação, da argumentação e dos julgamentos históricos multiperspectivados são os objetivos da aprendizagem histórica. Por isso, é possível constatar que é impossível aprender História por meio de conteúdos, pois a história da humanidade é interminável e infinita. Só é possível aprender História por meio de narrativas temáticas significativas que levem em conta a dialética negativa entre a «concretude da identidade» de uma comunidade e a «pluralidade multiperspectivada» do outro clivado nessa mesma comunidade. É a inclusão antagonônica de «histórias difíceis» com outros argumentos, outros pontos de vista que gera sentido de orientação temporal nos jovens estudantes²¹.

Evidências audiovisuais são, por natureza, narrativas históricas (audio)visuais, por isso se deve investigar as ideias dos jovens estudantes a partir de histórias em quadrinhos, videogames, filmes e *websites* da Internet, como o *YouTube*. As evidências audiovisuais permitem investigar como os jovens se percebem, interpretam, orientam e motivam historicamente no fluxo temporal entre experiências passadas, presentes e futuras.

Para instigar a compreensão histórica dos estudantes, essas narrativas permitem que os jovens construam historicamente suas posições políticas, estéticas, cognitivas e éticas para enfrentar os desafios que enfrentam em sua práxis de vida²².

2. INVESTIGAR AS IDEIAS DE EVIDÊNCIA AUDIOVISUAL DE JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS PORTUGUESES A PARTIR DE VÍDEOS DE HISTÓRIA DO YOUTUBE

Pesquiso, assim, as ideias históricas de jovens estudantes portugueses do ensino secundário de duas escolas da rede pública do norte de Portugal por meio de um instrumento de pesquisa, construído a partir dos princípios da investigação qualitativa²³.

Busco compreender como esses jovens inferem evidências audiovisuais quando apresentados aos conflitos presentes no processo da conquista e colonização europeia sobre os povos da América, por meio do confronto de três vídeos do *YouTube* sobre este tema histórico.

²⁰ SHEMILT, 2009; RÜSEN, 2001.

²¹ BORRIES, 2018.

²² RÜSEN, 2007.

²³ LESSARD-HÉBERT, GOYETTE, BOUTIN, 2005.

O público-alvo da investigação são 35 jovens estudantes, com idades entre 16 e 17 anos (uma com 21 anos), de duas turmas do 11.º ano de duas escolas públicas que estudam no ensino secundário nas cidades de Paredes (14 estudantes) e Santo Tirso (21 estudantes), norte de Portugal. Esses estudantes são representados neste trabalho por nomes fictícios escolhidos por eles mesmos.

A questão de investigação que fundamenta essa pesquisa é: «Que escolhas históricas fazem os jovens estudantes quando são confrontados com diferentes versões de vídeos de história do *YouTube*?»

O instrumento de pesquisa contém perguntas abertas e fechadas a partir de um questionário entendido como um estudo-piloto, cujo objetivo é diagnosticar como os jovens fazem escolhas históricas quando são confrontados com três versões de vídeos do *YouTube* sobre a História da colonização europeia sobre os povos da América.

O instrumento de pesquisa foi aplicado nas manhãs dos dias 4 e 20 de fevereiro de 2019 com a duração de 90 minutos nas aulas, mais o intervalo em Paredes e Santo Tirso, respectivamente.

O primeiro vídeo, denominado *500 anos de história do Brasil* é a versão A, do *Nostalgia* que é um dos maiores canais sobre cultura pop do Brasil. Seu criador e apresentador, o designer paulista Felipe Castanhari, desenvolve vídeos educacionais de História e Ciências Naturais.



Fig. 1.

Versão A: Screenshot do arquivo de vídeo *Nostalgia História T1 – 500 anos em 1 hora / História do Brasil*

Fonte: CASTANHARI, 2017

Os seus vídeos de História são assessorados pelo historiador Caio Vinícius, formado pela Universidade de São Paulo e seu antigo professor do Ensino Médio²⁴. Esse vídeo possuía 6 558 338 visualizações em 7 de setembro de 2019.

O segundo vídeo, chamado *Ciclo do Ouro*, no canal Débora Aladim, é a versão B.

²⁴ ROCHA, 2018.



Fig. 2.

Versão B: Screenshot do arquivo de vídeo *Resumo de História: Ciclo do Ouro – em Ouro Preto, MG!*
 Fonte: ALADIM, 2018

Em 2019, Débora Aladim é estudante de História da Universidade Federal de Minas Gerais e produz os conteúdos de seu canal, focados principalmente em dicas de estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares, além de abordar fatos e curiosidades da vida universitária. Figura entre um dos cinco maiores canais educacionais do *YouTube* brasileiro²⁵. Esse vídeo possuía 227 259 visualizações em 7 de setembro de 2019.

O terceiro vídeo, chamado de *O que foi a Revolta dos Búzios?* é a versão C. O canal *PhCôrtes* foi criado em 2015 por Pedro Henrique Côrtes, mais conhecido como PhCôrtes, abriu um dos seus vídeos para protestar contra a morte de cinco jovens negros no Rio de Janeiro com apenas 13 anos com a seguinte frase: «Você vive no Brasil? É jovem? É negro? Vive em favelas ou bairros periféricos? Sim, eu queria ser mais delicado ao dizer isso, mas você tem 25 vezes mais chance de ser assassinado do que jovens brancos brasileiros!»



Fig. 3.

Versão C: Screenshot do arquivo de vídeo *O que Foi a Revolta dos Búzios – Meus Heróis Negros Brasileiros.*
 Fonte: CÔRTEES, 2018

²⁵ ROCHA, 2018.

PhCôrtes, em 23 de novembro de 2015, começa o quadro *Meus heróis negros* inspirado, entre outros, pelos vídeos de História do canal *Nostalgia* de Felipe Castanhari, por obras historiográficas e histórias em quadrinhos sobre história do povo afro-brasileiro. Esse vídeo possuía 3106 visualizações no dia 7 de setembro de 2019.

As perguntas investigativas foram inspiradas em questões presentes em minha tese de doutorado *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*²⁶ e têm como objetivo diagnosticar as ideias históricas que os jovens entendem como passíveis de geração de sentido de orientação temporal²⁷. As questões a serem abordadas são:

- Q6. *A partir das versões A, B, e C, quais as situações do passado que você acha mais significativas? Por quê?*
- Q7. *A partir das versões A, B, e C, quais os personagens do passado você acha mais relevantes? Por quê?*
- Q8. *Você percebe alguma diferença entre as versões A, B, e C? Qual (is)?*
- Q9. *Você acha que alguma(s) das versões dos vídeos do YouTube pode(m) ser considerada(s) mais válida(s) do que a(s) outra(s)? Qual(is) e por quê?*
- Q10. *Você acha que alguma(s) das versões dos vídeos do YouTube pode(m) ser considerada(s) menos válida(s)? Qual(is) e por quê? A partir das versões A, B, e C, quais as situações do passado que você acha mais significativas? Por quê?*

As respostas a essas questões serão abordadas a partir de uma estrutura em que as escolhas das versões de vídeos do *YouTube* realizadas pelos jovens investigados apontam em direção a determinadas categorias surgidas na redução dos dados empíricos e vinculadas às evidências audiovisuais. Informo que para esse texto nem todas as respostas e categorias serão apresentadas; somente aparecerão aqui as consideradas por mim mais relevantes para esse trabalho.

Evidência enquanto conhecimento histórico substantivo

Escolha não explícita de versão em vídeo do *YouTube*

Q6. Situações do passado

Colonização do Brasil. (Nina, F, 16 anos, Santo Tirso)

A Inconfidência Mineira. (Karl Marx, M, 16 anos, Santo Tirso)

Versão A, porque fala-nos da escravidão, democracia... (Jack, F, 16 anos, Paredes)

A escravidão. (Ragnar Rodrigues, M, 16 anos, Paredes)

²⁶ FRONZA, 2012.

²⁷ RÜSEN, 2007.

Esses jovens estudantes indicaram somente as situações do passado mais significativas, mas não justificaram o porquê dessa escolha. Destaco que predominaram as citações relativas aos conteúdos presentes no currículo e nos livros didáticos, tais como a colonização do Brasil e a escravidão.

Escolha não explícita de versão em vídeo do *YouTube*

Q7. Personagens do passado

Rei D. João V. (João Félix, F, 16 anos, Paredes)

O Tiradentes. (Karl Marx, M, 16 anos, Santo Tirso)

Os escravos. (Flor, F, 17 anos, Santo Tirso)

Quanto às respostas relativas à relevância de personagens do passado, também os sujeitos históricos vinculados pelos estudantes aos processos históricos apontados anteriormente predominaram. É possível perceber que tanto um dos reis de Portugal quanto um dos líderes de uma revolta brasileira são citados. A resposta de Flor é relevante na medida em que indica um sujeito coletivo: os escravos.

Evidência enquanto síntese histórica

Versão A

Q6. Situações do passado

Situação A [versão A], pois é o resumo geral de todas as situações. (Freddie The Queen, F, 16 anos, Paredes)

Versão A, porque apresenta um melhor resumo da história. (Mário Leal, M, 16 anos, Paredes)

Versão A, porque explica a história do Brasil em geral. (João Félix, F, 16 anos, Paredes)

Com relação a essa categoria, na questão relativa à significância histórica das situações do passado, três jovens destacaram a qualidade de síntese da versão A dos vídeos de *YouTube*. A síntese é expressa pelas ideias de resumo, retrato ou «história do Brasil em geral». Predomina aqui uma concepção de abrangência nas descrições ou explicações relativas à história da colonização europeia da população brasileira. Essa abrangência é expressa pela palavra «geral» que adjetiva o poder de síntese dessa versão na concepção desses estudantes.

Evidência enquanto espelho do passado

Versão A

Q6. Situações do passado

Acho mais significativa a versão A, pois acho que é a que retrata melhor. (Happy, F, 17 anos, Paredes)

Happy considera como significativa a versão A pois ela expressa uma ideia de que a figura espelha o passado histórico da colonização nas Américas. É perceptível aqui uma concepção de História pautada em uma verdade única que pode ser retratada pelas fontes e pelas narrativas históricas. Essa ideia se aproxima do que Denis Shemilt²⁸ denomina como *little pictures* que são consideradas retratos específicos do passado.

Evidência enquanto fiabilidade

Versão A

Q9. Versão mais confiável

Eu acho que todas as versões são válidas, sendo a versão A a mais válida que as outras. (Nikko, M, 16 anos, Santo Tirso)

Escolha não explícita de versão em vídeo do YouTube

Q9. Versão mais confiável

Sim, pois algumas versões apresentam mais informações considerando-as, eu, mais válidas. (Leonor, F, 17 anos, Santo Tirso)

Essa foi a categoria que predominou nas respostas dos jovens estudantes. Nikko considera que a versão A é mais válida que as outras, mesmo que as três sejam suficientemente confiáveis. Já Leonor que não explicitou a escolha de nenhuma das versões apresenta um motivo para determinar se uma descrição ou explicação é válida: a quantidade de informações. Quanto mais informações melhor é a explicação.

Evidência enquanto explicação abrangente do passado

Versão A

Q6. Situações do passado

Para mim, a situação do passado que achei mais significativa é a versão A, pois abrange uma história maior e não só umas partes da história como nas versões B e C. (Milena, F, 17 anos, Santo Tirso)

Versão B

Q9. Versão mais confiável

O vídeo de Débora Aladim porque é mais completo e mais específico. (Eça de Queirós, M, 16 anos, Santo Tirso)

Versões A, B e C

Q8. Diferença entre as versões

Sim, uma fala do geral, a outra do Brasil e outra sobre a revolta dos Búzios. (Ragnar Rodrigues, M, 16 anos, Paredes)

²⁸ SHEMILT, 2009.

Quando responde sobre a situação mais significativa para ela, Milena entende que a versão A desenvolve uma interpretação histórica mais abrangente em relação às versões B e C. Essa jovem valoriza a ideia de um quadro histórico mais completo em relação às perspectivas mais específicas da História. É possível que a estudante esteja apontando um processo de superação das *little pictures* ao valorizar um quadro histórico abrangente tal como Shemilt²⁹ entende a constituição de uma *Big Picture*. Eça de Queirós compreende que a versão B, da *youtuber* Débora Aladim, ao mesmo tempo que é mais completa é específica o suficiente para que seja confiável. A diferença entre as versões A, B e C é que marca, para Ragnar Rodrigues, que a primeira apresenta uma descrição mais abrangente da história colonial no Brasil.

Evidência enquanto explicação correta do passado

Escolha não explícita de versão em vídeo do YouTube

Q9. Versão mais confiável

Sim. Algumas versões podem ter dados mais corretos ou simplificados. (Cherryl Blossom, F, 16 anos, Paredes)

Sim, claro. Porque umas podem ser mais corretas e abranger mais conhecimento do que as outras. (Milena, F, 17 anos, Santo Tirso)

Cherryl Blossom entende que, mesmo não explicitando qual versão é mais confiável, o que determina a fiabilidade de uma explicação é a correção dos dados empíricos e a simplificação de sua apresentação. Já Milena compreende que é fiável a explicação correta que incorpora mais conhecimento abrangente. A primeira estudante defende, portanto, que a clareza e a correção dos dados fornecem fiabilidade à explicação enquanto a segunda jovem entende que é a abrangência da explicação que dá força a sua correção. Aqui é perceptível que existem duas concepções sobre o que seria a explicação mais correta sobre o passado.

Evidência enquanto verdade histórica

Versões A, B e C

Q10. Versão menos confiável

Não. Todas abordam temas verdadeiros. (Skinny C, F, 16 anos, Santo Tirso)

Não. Porque todos contam como foi a história do passado, tal como ela aconteceu. (Hamster, F, 16 anos, Santo Tirso)

Aqui a estudante Skinny C considera que as três versões de vídeos do YouTube são verdadeiras, o que as faz apresentarem descrições ou explicações confiáveis. Já a

²⁹ SHEMILT, 2009.

jovem Hamster justifica a fiabilidade das versões A, B e C por explicarem o passado narrado «tal como ele aconteceu», usando, assim, a expressão típica do historicismo do século XIX. Essa afirmação se aproxima da ideia de que houve um sequestro da cognição histórica³⁰ porque, por 200 anos, a «História» foi (e ainda é) a mais poderosa arma para danificar e utilizar mal a consciência histórica das crianças e jovens em prol dos desejos e ideologias das classes dominantes³¹.

Ceticismo em relação às evidências audiovisuais

Versões A, B e C

Q9. Versão mais confiável

Não, os documentos serão fontes mais confiáveis. (Costibias, M, 17 anos, Paredes)

Ao ser perguntado qual, para Costibias, é a versão mais confiável, negou que qualquer uma das três seja, pois considera que os documentos (possivelmente escritos ou oficiais) são mais confiáveis que vídeos de História do *YouTube*. Essa concepção histórica desconsidera a dimensão dialógica da evidência em relação às fontes e as narrativas audiovisuais. Para Lee e Howson³², é importante aduzir evidências a partir dos conceitos meta-históricos de mudança, explicação, significância e narrativas históricas.

Relativismo histórico

Escolha não explícita de versão em vídeo do *YouTube*

Q6. Situações do passado

Na minha opinião, a História é importante. Não acho nenhum período de tempo mais significativo. Simplesmente existem todos numa corrente histórica. (Catriona Mckenzie, F, 16 anos, Santo Tirso)

Versões A, B e C

Q9. Versão mais confiável

Se for melhor é mais significativo. Se eu for aprender, nada é porque não o é. (Catriona Mckenzie, F, 16 anos, Santo Tirso)

As respostas de Catriona McKenzie apresentam uma visão relativista da história na medida em que não acredita que determinadas situações do passado são mais significativas do que outras, pois estão imersas num fluxo temporal contínuo. Outro argumento de seu relativismo é que se uma aprendizagem histórica só pode

³⁰ SCHMIDT, 2009.

³¹ BORRIES, 2018.

³² LEE, HOWSON, 2009.

ser significativa se apresentar como o melhor argumento o que não contenha afirmações que o negue. Aqui também se percebe que se desconsidera a necessidade de que as melhores evidências devam ser constantemente postas à prova para sustentar sua plausibilidade³³.

Evidência enquanto perspectiva histórica

Versão B

Q6. Situações do passado

Acho a mais significativa a versão B devido à explicação que levou ao desenvolvimento de determinada visão. (Rosdrey of Rivia, M, 16 anos, Santo Tirso)

A versão B mobilizou em Rosdrey of Rivia, quando respondeu quais as situações do passado mais significativas para ele em relação à colonização dos povos americanos pelos europeus, uma explicação histórica que apresenta, para ele, uma perspectiva claramente definida do processo histórico narrado.

Evidência enquanto multiperspectividade

Escolha não explícita de versão em vídeo do YouTube

Q9. Versão mais confiável

Sim, porque abordam as informações de maneiras diferentes. (Happy, F, 17 anos, Paredes)

Versões A, B e C

Q9. Versão mais confiável

Todos os vídeos são considerados válidos, pois todos eles contam várias versões da história. (Indiga, F, 16 anos, Paredes)

Q10. Versão menos confiável

Não, tudo acaba por ter valor mesmo sendo diferente. (Veronica Lodge, F, 16 anos, Paredes)

Não. Cada um tem a sua maneira de contar a história. (Flor, F, 17 anos, Santo Tirso)

As respostas de todas essas estudantes apontam para uma concepção multiperspectivada da explicação histórica, mas algumas o fazem por diferentes motivos. Happy e Flor consideram que a fiabilidade das versões se sustenta na diversidade das formas de apresentar as informações históricas. Veronica Lodge defende que o valor de uma explicação histórica não se enfraquece mesmo quando é apresentada

³³ RÜSEN, 2001.

de forma diferente. Já Indiga compreende que as descrições ou explicações históricas são válidas quando apresentam várias versões do processo histórico narrado. Para Bodo von Borries³⁴, a multiperspectividade das evidências por meio da construção criativa e imaginativa de hipóteses (inferências adutivas) sobre as diferenças das experiências históricas do passado e presente e as controvérsias das interpretações por meio da empatia, significância e explicação históricas dão sentido de orientação temporal às explicações.

Evidência enquanto interculturalidade

Versão A

Q6. Situações do passado

A versão A, pois explica as histórias de dois países (Portugal e Brasil), ensinando-nos que estes dois estão, de alguma forma, relacionados. (Cherryl Blossom, F, 16 anos, Paredes)

Versão B

Q6. Situações do passado

[A versão] B, pois fala do ouro encontrado no Brasil e como Portugal o desperdiçou. (Palmira, F, 17 anos, Santo Tirso)

A versão B, porque explica como era a extração do ouro e a influência de Portugal e como era a situação vivida no Brasil com a procura do ouro e [a] opressão do rei para obter o ouro do Brasil. (Isabel, F, 21 anos, Paredes)

Versão C

Q6. Situações do passado

Acho mais significativa a situação que o PhCôrtes falou sobre os negros brasileiros e do assunto racismo, pois é um assunto que dura até os dias de hoje. (Flor, F, 17 anos, Santo Tirso)

A interculturalidade foi uma das categorias que surgiram com força quando foi perguntado aos jovens quais as situações do passado que consideram mais significativas. A resposta de Cherryl Blossom é claramente de teor intercultural, pois entende que a versão A ensina os jovens sobre a história entre Brasil e Portugal de um modo relacional e interdependente. Já Palmira e Isabel compreendem que a versão B apresenta uma explicação histórica sobre a relação de exploração econômica do Brasil por Portugal. Elas indicam que as relações interculturais entre Brasil e Portugal eram desiguais. Mas a explicação histórica de Flor, que defendeu que a versão C apresentava as situações mais significativas do passado, identificou uma interculturalidade mais sofisticada ao

³⁴ BORRIES, 2018.

trazer as problemáticas da condição dos afro-brasileiros e da persistência do racismo para o presente da práxis social contemporânea. Segundo Borries³⁵, a pluralidade das formas de geração de sentido de orientação histórica para a vida é construída por meio de narrativas identitárias mediadas pelo antagonismo expresso em histórias difíceis em conflito e estratégias de reconciliação mútua com vistas a perspectivas de futuro.

Evidência enquanto antagonismo social

Escolha não explícita de versão em vídeo do YouTube

Q6. Situações do passado

A escravização dos negros africanos e de índios americanos, pois explica a presente discriminação social que existe na atual sociedade. (Indiga, F, 16 anos, Paredes)

Versões A, B e C

Q6. Situações do passado

A partir das versões A, B e C a situação do passado que eu achei mais significativa foi a abolição/fim da escravidão, pois a desigualdade é algo que não me agrada. Além disso, acho injusto naquela época as classes mais baixas serem escravizadas por povos superiores. (Leonor, F, 17 anos, Santo Tirso)

Q7. Personagens do passado

Os índios e os escravos, pois lutavam por sua liberdade. (Isabel, F, 21 anos, Paredes)
As personagens mais relevantes, na minha opinião, são os escravos, por terem, a partir de uma revolta, alcançado a liberdade. (Leonor, F, 17 anos, Santo Tirso)

Essas três jovens apresentam uma abordagem que compreende a evidência enquanto antagonismo social. Leonor entende que a escravidão alimentou a injustiça e a desigualdade durante a colonização portuguesa no Brasil. Também defende que os escravizados conquistaram por eles mesmos sua liberdade, pois se revoltaram ao longo da história da colonização da América pelos europeus. Já Indiga e Flor apontam que a discriminação social e o racismo são processos resultantes da escravização de negros africanos. Portanto, para essas três estudantes a escravização influencia de modo traumático os problemas que ainda afligem Brasil e Portugal no século XXI. Apresentam, portanto, explicações que geram sentido de orientação temporal em seu processo de aprendizagem histórica. Segundo Bodo von Borries³⁶, só é possível aprender história pela inclusão antagônica e multiperspectivada de «histórias difíceis» por meio de narrativas temáticas significativas que levem em conta a dialética negativa entre a «concretude da identidade» de uma comunidade e a «pluralidade multiperspectivada» do outro clivado nessa mesma comunidade.

³⁵ BORRIES, 2018.

³⁶ BORRIES, 2018.

Evidência enquanto ética da responsabilidade

Escolha não explícita de versão em vídeo do *YouTube*

Q7. Personagens do passado

O «tira dentes» [Tiradentes], *pois mostra que são sempre as pessoas com menor poder que sofrem as consequências de atos cometidos por outros.* (Cherryl Blossom, F, 16 anos, Paredes)

«Tira dentes», *uns pagam pelos outros.* (Veronica Lodge, F, 16 anos, Paredes)

Versão C

Q7. Personagens do passado

A versão C. A personagem relevante foi João de Deus e os seus outros amigos que assumiram as culpas e morreram. (Rakan, M, 16 anos, Paredes)

Quando perguntados sobre quais os personagens do passado mais relevantes narrados pelas versões em relação à colonização dos povos americanos, esses três jovens estudantes identificaram uma ética da responsabilidade para definir os sujeitos históricos que fornecem um sentido para a história narrada. A ideia predominante é que tanto Tiradentes quanto João de Deus assumiram a responsabilidade pelas insurreições que outros membros dos grupos de suas revoltas não o fizeram. Aqui a dimensão ética da cultura histórica, expressa por artefatos como vídeos do *YouTube*, perspectiva as formas de explicar e os valores dos jovens na sua práxis social³⁷.

Evidência enquanto julgamento moral

Escolha não explícita de versão em vídeo do *YouTube*

Q7. Personagens do passado

Índios e pretos, pois mostra o quão cruéis foram os brasileiros e portugueses em torná-los escravos. (Marlene, F, 17 anos, Santo Tirso)

Marlene entendeu como relevantes para a história da colonização da América os africanos, afro-brasileiros e indígenas. No entanto, destacou a crueldade de portugueses e brasileiros para com esses seres humanos. Essa jovem interpreta a História a partir de um julgamento moral sobre as práticas desumanas realizadas por luso-brasileiros para construir seu modo de vida no Brasil colonial. Novamente a dimensão ética da cultura histórica formata o modo de interpretar a história dessa jovem³⁸.

³⁷ RÜSEN, 2007.

³⁸ RÜSEN, 2007.

Evidência enquanto aprendizagem histórica

Versões A, B e C

Q9. *Versão mais confiável*

Não. São apenas formas distintas de transmitir o conhecimento. (Nina, F, 16 anos, Santo Tirso)

Q10. *Versão menos confiável*

Não. Todos tentam explicar e cativar a aprendizagem da história. (Dory, F, 16 anos, Santo Tirso)

Não. Porque todos os vídeos têm algo a ensinar. (Eça de Queirós, M, 16 anos, Santo Tirso)

Esses três jovens apresentam distintas concepções de aprendizagem quando perguntados quais as versões de vídeos do *YouTube* são mais ou menos confiáveis. Uma concepção pautada em métodos de ensino de História é expressa por Nina e Eça de Queirós, a primeira indicando que apresentam formas diferentes de transmissão do conhecimento histórico e o segundo apontando o papel pedagógico desses artefatos da cultura histórica. Já Dory afirma que esses vídeos tem o poder de cativar e explicar o passado histórico gerando uma aprendizagem histórica significativa para os jovens. Uma didática humanista da História deve considerar a estrutura de sentimento existente na cultura juvenil da práxis social contemporânea para que possa gerar sentido de orientação histórica no processo de construção identitária dos jovens³⁹.

Evidência enquanto estética da narrativa audiovisual

Versões A, B e C

Q8. *Diferenças entre versões*

Sim. A versão A é uma forma de explicação baseada em muitas imagens e demonstrações, a [versão] B se concentra mais na explicação de factos. Não cativa tanto. A última versão (C) é mais engraçada, mais divertida. (Dory, F, 16 anos, Santo Tirso)

Sim. No nível da edição dos vídeos. A versão A utiliza imagens acompanhadas de áudio; a [versão] B apenas áudio; e a [versão] C faz uma mistura de áudio, imagem e comédia. Nas versões A e C a história é explicada de forma mais acessível. (Nina, F, 16 anos, Santo Tirso)

Versões B e C

Q10. *Versão menos confiável*

[As versões B e C], Porque não explicam muito bem ou falam muito rápido e fazem paragens desnecessárias que perde informação. (Rakan, M, 16 anos, Paredes)

³⁹ WILLIAMS, 2003; RÜSEN, 2015a.

Uma importante categoria observada nos dados empíricos dessa investigação é vinculada à percepção dos jovens em relação aos elementos estéticos das narrativas audiovisuais. Quando perguntados sobre as diferenças entre as versões de vídeo do *YouTube*, Dory e Nina explicitam elementos próprios a esses artefatos culturais: o uso de imagens e demonstrações e o sentimento de diversão que causam, além de revelarem a importância da edição de vídeos no processo de narrar construídos pela composição entre imagens e áudios, gerando, assim, a acessibilidade da informação veiculada. Já Rakan defende que as versões B e C perdem informações devido a velocidade da fala do(a) *youtuber* ou os cortes de planos considerados desnecessários. Com isso, a explicação histórica se enfraqueceu. É importante destacar aqui a relevância da dimensão estética dos artefatos audiovisuais da cultura histórica⁴⁰ para a percepção da escolha histórica que os jovens fazem quando lidam com imagens históricas em movimento.

Evidência enquanto sensibilidade estética

Versões A e C

Q8. Diferença entre as versões

Sim. As versões A e C. Como têm uma edição mais elaborada, elas cativam quem está a assistir e a estar mais atento. (Clotilde, F, 16 anos, Santo Tirso)

Versões A, B e C

Q8. Diferença entre as versões

Sim. A versão A é uma forma de explicação baseada em muitas imagens e demonstrações, a [versão] B se concentra mais na explicação de factos. Não cativa tanto. A última versão (C) é mais engraçada, mais divertida. (Dory, F, 16 anos, Santo Tirso)

Quando perguntados sobre a diferença entre as versões em vídeo do *YouTube*, ambas as estudantes mobilizaram uma categoria raramente abordada, mas fundamental para compreendermos esses artefatos culturais: a sensibilidade estética que os mesmos geram nessas jovens. Clotilde afirma que uma edição de vídeo mais sofisticada cativa o público e permite que eles instiguem a atenção. Dory, por sua vez, defende que o modo como são compostas as demonstrações e as imagens no processo explicativo apresentado nos vídeos interfere no modo como os jovens internalizam o conhecimento histórico explicado seja pelo rigor explicativo seja pelo humor. A dimensão estética da cultura histórica⁴¹ é expressa aqui pelo «sentimento de vida» que estes artefatos mobilizam nos jovens.

⁴⁰ RÜSEN, 2007.

⁴¹ RÜSEN, 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da investigação nos permitem compreender que as evidências audiovisuais permitem aos jovens revelarem critérios vinculados a cognição histórica situada que avaliam as maneiras pelas quais esses jovens se carregam de experiências passadas e que fornecem valores e significados históricos que fazem sentido à sua vida prática e orientam a formação histórica como um processo criativo de autoconhecimento.

Investigar a relação da construção de evidências dos jovens com as formas narrativas específicas geradas por vídeos de história do *YouTube*. A hipótese de que os jovens fazem escolhas históricas quando são confrontados com evidências audiovisuais está confirmada.

Esses resultados constataam a hipótese de que as pesquisas relativas à evidência histórica⁴² permitem concluir que é possível entender como válida a ideia de evidência audiovisual quando inferida no confronto narrativo de artefatos da cultura histórica como os vídeos do *YouTube* que mobilizam, nos jovens portugueses, escolhas pautadas na geração de sentido de orientação histórica a partir da dimensão sofrimento humano. As evidências audiovisuais são condutoras para a produção de narrativas que os estudantes constroem para si na relação que mantêm com a escola e na orientação temporal da práxis social.

BIBLIOGRAFIA

- ALADIM, Débora (2018). *Resumo de História: Ciclo do Ouro — Em Ouro preto, MG! (Débora Aladim)*. [Consult. 15 out. 2019]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7tMLDROID9rw&t=709s>>.
- ASHBY, Rosalyn (2003). *O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos*. In BARCA, Isabel, org. *Educação histórica e museus. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CIED/Universidade do Minho.
- ASHBY, Rosalyn (2006). *Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares*. «Educar em Revista». 22: Especial, 151-170.
- BOOTH, M. (1980). *A Modern World History Course and the Thinking of Adolescent Pupils*. «Educational Review». 32:3, 245-257.
- BORRIES, Bodo von (2018). *Lidando com histórias difíceis*. In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd, coord. *Jovens e consciência histórica*. Curitiba: W.A. Editores, pp. 33-54.
- CASTANHARI, Felipe (2017). *Nostalgia História T1 — 500 anos em 1 hora / História do Brasil*. [Consult. 15 out. 2019]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q7E4XrfGGnE&t=98s>>.
- CÓRTEZ, Pedro Henrique (2018). *O que foi a Revolta dos Búzios — Meus Heróis Negros Brasileiros. PhCórtes*. [Consult. 15 out. 2019]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MsG8T_Bfypk&t=598s>.
- FRONZA, Marcelo (2012). *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Tese de doutorado.
- LEE, Peter; HOWSON, Jonathan (2009). “Two out five did not know that Henry VIII had six wives”: *History education, historical literacy and historical consciousness*. In SYNCOX, Linda; WILSCHUT,

⁴² SHEMILT, 2009; ASHBY, 2006; SIMÃO, 2007, 2015; VIEIRA, 2015.

- Arie, coord. *National history standards: The problem of the canon and the future of teaching History*. Charlotte, NC: IAP, pp. 211-264.
- LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald (2005). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROCHA, Breno Lacerda (2018). *Narrativas históricas digitais: uma análise de vídeos de história no YouTube*. Cuiabá: UFMT. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em História.
- RÜSEN, Jörn (1994) *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. *Cultura histórica*. Trad. de F. Sánchez e Ib Schumacher. Versão castelhana inédita do texto original em alemão publicado em FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, Jörn, eds. *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen; Weimar; Wenen: Böhlau. Disponível em <http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf>.
- RÜSEN, Jörn (2001). *Razão Histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB.
- RÜSEN, Jörn (2007). *História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB.
- RÜSEN, Jörn (2014). *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes.
- RÜSEN, Jörn (2015a). *Formando a consciência histórica — para uma didática humanista da História*. In RÜSEN, Jörn. *Humanismo e Didática da História*. Org. Maria Auxiliadora Schmidt et al. Curitiba: W. A. Editores, pp. 19-42.
- RÜSEN, Jörn (2015b). *Teoria da História: Uma Teoria da História como Ciência*. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora (2009). *Cognição histórica situada: que aprendizagem é esta?* In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel, coord. *Aprender História: perspectivas da Educação Histórica*. Ijuí: Unijuí, pp. 21-50.
- SHEMILT, Denis (2009). *Drinking an ocean and pissing a cupful: How adolescents making sense of history*. In SYNCOX, Linda; WILSCHUT, Arie, coord. *National history standards: The problem of the canon and the future of teaching History*. Charlotte, NC: IAP, pp. 141-210.
- SIMÃO, Ana Catarina Gomes (2007). *A construção da evidência histórica: concepções de alunos do 3.º ciclo do ensino básico e secundário*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutorado.
- SIMÃO, Ana Catarina Gomes (2015). *Repensando a evidência histórica na construção do conhecimento histórico*. «Diálogos». 19:1, 181-198.
- VIEIRA, Jucilmara Luiza (2015). *Cultura histórica e cultura escolar: diálogos entre a iconografia pictórica histórica e o ensino de história*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação de mestrado.
- WILLIAMS, Raymond (2003). *La larga revolución*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

